

Centro de Estudos Bahianos

DERALDO INÁCIO DE SOUSA

BIBLIOTECAS DA BAHIA - 1952

CONTRIBUIÇÃO PARA UM INQUÉRITO CULTURAL

02(814.2)
S725

SALVADOR-BAHIA

PUBLICAÇÃO



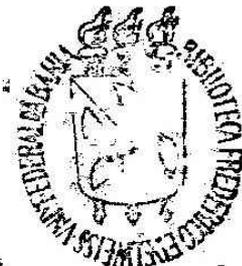
DERALDO INÁCIO DE SOUSA

**BIBLIOTECAS DA BAHIA - 1952 -
CONTRIBUIÇÃO PARA UM INQUERITO CULTURAL**

**Publicação do Centro de Estudos Baiano e da Imprensa
Oficial da Bahia**

Cat. III

OR (814, 2)
S725



5691

O trabalho ora publicado, de Deraldo Inácio de Sousa, da Secretaria da Educação — Biblioteca Pública — representa contribuição excelente para quem, de futuro, quiser escrever sobre a vida cultural da Bahia, muito embora, sobretudo aumentado, se destinasse a outro fim. Adaptado à sistemática das publicações do Centro de Estudos, manteve-se íntegro no que respeita às pesquisas realizadas em 1952 sobre as Bibliotecas da Bahia.

I

INTRODUÇÃO

Que é uma biblioteca? Há quem julgue ser, sómente, assim considerado, um grande acervo de livros. Por outro lado, há os que pensam que qualquer número de volumes, discrieteriosamente juntos, forma biblioteca. A primeira fórmula é como que aceita pela generalidade das pessoas, mais ou menos, cultas. A segunda conta com o voto de muita gente credenciada. Assim é que, Albino Forjaz de Sampaio, na sua prestativa obra "Como devo formar a minha biblioteca" nos dá o plano de duas bibliotecas, uma de, apenas, 50 obras (pág. 370), e a outra de 100 obras (pág. 363). René Gross, citado por Forjaz de Sampaio na mesma pág. 363 acima referida, publicou um opúsculo com o título assim: "100, 200, 500 volumes. Trois bibliothèques idéales." Ainda Augusto Comte juntou ao prefácio de seu "Catecismo Positivista", págs. 33 a 37 da edição brasileira, uma relação de 150 volumes como que formando uma biblioteca integral. Diz-nos Eduardo Frieiro que a Biblioteca de Kant não passava de 300 volumes e, a de Spinoza, tinha, apenas, uns 60 ("O Diabo na livraria do Cônego", pág. 20).

Ora, o que aí temos são planos para escolha de obras que devam constituir uma biblioteca, e a menção de duas naturalmente especializadas e em épocas remotas. Mas o Instituto Nacional do Livro — tem permitido o registro e, como tal, arrolado como bibliotecas, — qualquer quantidade de livros, a exemplo do que fez, entre outras, com a "Biblioteca do Parque Infantil da vila Industrial", Campinas, S. Paulo, com apenas, 22 volumes constituindo seu acervo (Suplementos do Guia das bibliotecas brasileiras", pág. 105), e muitas outras com pouco mais de volumes, como se pode ver da referida obra citada. Importante, pois, é assentarmos o que seja uma biblioteca, para, dentro desse critério, moldarmos o nosso modesto trabalho.

Para nós, o número de volumes não tem, realmente, importância decisiva no caso; entretanto, cremos que a orientação do Instituto Nacional do Livro, arrolando bibliotecas com acêrvos tão mesquinhos é desaconselhada.

A "Enciclopédia universal ilustrada" define a biblioteca como "el depósito ordenado de libros para su conservación y custodia y mejor aprovechamiento y uso". Este é o velho conceito já caduco. A biblioteca é hoje um instrumento de trabalho, e sómente quando é um organismo vivo e devidamente preparado para a função que lhe é própria, é que deve ser

considerada como tal. Biblioteca é, pois um acêrvo de livros, mais ou menos, importante, devidamente organizado, e apto a responder aos anseios de nosso espírito, á sêde que o homem tem de saber. É que a biblioteca moderna não é, sómente, o acêrvo de livros, nem, tampouco, suas instalações, boas ou ruins, mas é tudo isso devidamente organizado e mais o bibliotecário, porque, êste, é quem transforma a biblioteca em um organismo vivo, no instrumento de trabalho que deve ser. Preciso é que haja, ainda, a chamada "mentalidade bibliotecária", de que nos fala Rubens Borba de Moraes, no seu opúsculo "O problema das bibliotecas brasileiras".

Cremos, destarte, que seria empírica qualquer classificação das bibliotecas pelo seu acêrvo. Quando muito, poderíamos designá-las como bibliotecas pequenas, médias e grandes.

Quando se trata de relacionar as bibliotecas baianas atuais, não nos deve preocupar muito o número de volumes que cada uma possa ter, mas o conjunto que represente, a finalidade a que se destina e a sua organização, de tal arte, que sêja realmente um instrumento de trabalho nas mãos do que ou dos que a usam.

Há, na Bahia, muitíssimas bibliotecas públicas e particulares, cujo número não é possível precisar, atualmente. Entretanto, já em 1945, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, na *Sinopse Estatística do Município de Salvador*, estado da Bahia, arrolou 72 bibliotecas públicas e semi-públicas em a nossa capital. O nosso trabalho arrola pouquíssimas no momento, o esperamos pouco a pouco, completá-lo.

Queremos todavia, mencionar, neste lugar, algumas importantes bibliotecas particulares, em a nossa capital, e, hoje, desaparecidas, algumas delas famosas. O Grêmio Literário da Bahia teve duas bibliotecas: a 1.a foi destruída por um incêndio, em 20 de novembro de 1877, e a 2.a dispersa, sendo que grande porção foi doada à Academia de Letras de cujo acêrvo faz parte. Chegou a ter mais de 15.000 volumes. As bibliotecas que pertenceram aos Drs. Gonçalo Moniz (15.000 volumes), Campos França, Caribé, Fernandes da Cunha, Silva Campos, Francelino de Andrade, Augusto Guimarães, Virgílio de Lemos, J. J. Seabra e Manuel Luís do Rêgo (4.015 volumes) estão, hoje, incorporadas à Biblioteca Pública. As que pertenceram a Severino Vieira e Joaquim Pires Moniz de Carvalho (14.000 volumes) constituem a "Biblioteca Severino Vieira", da Ordem dos Advogados, secção da Bahia; a de Teodoro Sampalo está, hoje, incorporada á do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia; as de Hermano de Santana (12.000 volumes) e José Bonifácio Mariani estão na Faculdade de Filosofia. Dentre elas se destacam não sómente pelo seu acêrvo mas, também, pelo conjunto, as que foram de Gonçalo Moniz, Pires de Carvalho e Hermano de Santana. Três outras bibliotecas importantes foram vendidas e dispersas: as de Xavier Marques, Carlos Chiachio e Alexandre Sousa, as duas últimas com cêrca de 6.000 volumes, cada. A de Prado Valadares, foi, por êste, doada a várias instituições, sendo que, a maior parte, ao Colégio Carneiro Ribeiro; a de Bernardino Sousa foi levada para o Rio; a de Egas Moniz dizem estar, em caixões, no porão da casa de sua família; a do Dr. Anísio Cêrcundes foi vendida uma parte e, o resto, não sabemos onde hoje pára. O príncipe Maximiliano, na sua "Viagem ao Brasil", á pág. 415 da edição brasileira, nos dá notícia de uma importante biblioteca baiana áquela época, hoje desaparecida, a de Antônio Gomes. E, para terminar essa parte, queremos dizer algo sôbre a biblioteca que pertenceu aos jesuítas. Não obstante não pertencer à nossa época, justo é que se relembre essa velha biblioteca ou livraria, como se chamava, então, há muito tempo desaparecida. Foi a primeira que se formou no Brasil e na Bahia. De-feito, com o 1.º Governador Geral vieram os jesuítas e, aqui, fundaram, logo,

o Colégio e, com este, formaram a primeira biblioteca da América latina, em 1549. "Enquanto se fundava a cidade do Salvador, escreve Serafim Leite, quinze dias depois de chegarem os jesuitas, já funcionava uma escola de ler e escrever" — (Páginas de História do Brasil", pág. 39). Concomitantemente com a escola, fundou-se e cresceu a biblioteca do Colégio que se tornou um centro de irradiação de cultura e, até fóra da Província, iam os livros, quando solicitados. E, cresceu de tal arte que, numa época como aquela, atrazadíssima, pôde ter, o Colégio da Bahia, uma grande biblioteca. Serafim Leite, no vol. V de sua "História da Companhia de Jesus", afirma que esta biblioteca começou a se formar em 1549, com os livros que o padre Nóbrega trouxe, e que "o seu aumento não parou nunca". Em 1694, continúa o cronista citado, "a grande biblioteca possuía á roda de 3.000 livros de todo o género de escritores que se podem desejar, e se renova e guarda por um diligente e hábil livreiro" op. cit., pags. 92—93. Convenhamos que para a época, é um acérvo apreciável e, se considerarmos o meio onde êle estava, mais se avoluma o seu valor. O Colégio teve, bons bibliotecários, entre os quais, o famoso Pe. Antônio Vieira que o foi de todos os Colégios pôr onde passou. Outro bibliotecário notável que os jesuitas tiveram, aqui na Bahia, foi o Ir. Antônio da Costa, de 1677 a 1722. Foi quem "organizou com perfeição o "Índice da Biblioteca", por matérias e autores" (Ibdem, pág. 94). Quando o Colégio se fechou, em 1759, os livros da Biblioteca dos Jesuitas, segundo Serafim Leite, deviam andar por 15.000 volumes. Quando os bens dos jesuitas foram sequestrados, inclusive os livros, foram, êstes, avaliados naquela época, em 5:499\$050 a parte que estava no Colégio, em 6:640\$000 os que estavam na Casa dos Exercícios e, em 480\$000 os que se achavam nas Casas do Noviciado e Seminários de Belém e da Senhora da Conceição, no total de \$12.619,05 (doze mil seiscentos e dezenove cruzeiros e cinco centavos) em moeda atual, tudo consoante nos dá notícia o chanceler da Relação da Bahia, de então, Tomás Roby de Barros Barreto em Carta a El-rei D. José, transcrita no vol. 31 dos Anais da Biblioteca Nacional, e por Borges de Barros, num trecho do seu livro "A margem da história da Bahia", pág. 330. Pelo valor dado á biblioteca, há pouco menos de duzentos anos passados, podemos avaliar do seu acérvo e da importância das obras que nele haviam. Anos mais tarde, Luís dos Santos Vilhena, o autor da "Recopilação de notícias soteropolitanas e brasílicas" (Cartas de Vilhena), vol. I, pág. 62, confessa que encontrou a biblioteca dos padres jesuitas no maior abandono; e que havia livros bons, e que, naquela época, já "muitos têm sido furtados e outros vendidos" por preços "vilíssimos", e lamentava não os houvessem conservado, porque "aqui não aparecem livros". Eis como desapareceu a mais antiga e a maior, e a melhor biblioteca da Bahia e do Brasil, nos tempos coloniais: "vendida a boticários e a tendeiros para embrulhar adubos e unguentos", consoante o testemunho de Vilhena na obra citada. Há quem diga que alguns volumes d'essa riquíssima coleção foram incorporados á Biblioteca Pública, em 1811, quando foi fundada, desaparecendo em 1911, um século depois quando foi incendiada.

I

BIBLIOTECAS OFICIAIS

BIBLIOTECA PÚBLICA DA BAHIA

Foi a primeira biblioteca pública fundada na América latina. A data da fundação é controversa e, ainda hoje não se assentou, definitivamente, qual a verdadeira. Há duas datas principais que disputam a honra

da grande efeméride: 13 de maio e 4 de agosto, ambas de 1811. A primeira conta com o voto de muitos historiadores sisudos, como veremos abaixo. O que é verdade é que, quando há um erro ou engano em uma data cometido por alguém de mérito reconhecido, os que escrevem depois vão repetindo o erro, sem averiguar a verdade. É o caso da data de 13 de maio, pela primeira vez aceita por Acioli, nas suas "Memórias históricas", escritas em 1835, no volume I, pág. 309, correspondendo á pág. 53 do vol. III da 2.ª edição, de 1931, anotada por Braz do Amaral, que, entretanto, não fez nenhuma observação a êsse respeito. Pirajá da Silva em a nota 45 á obra "Através da Bahia", de von Spix e von Martius, pág. 100, da 3.ª edição, copiou de Acioli a data, como o confessa, lealmente.

Rio Branco, nas suas "Efemérides brasileiras", 2.ª edição, revista por Basílio de Magalhães, á pág. 320, também se refere á data 13 de maio, como o faz, igualmente, Francisco Vicente Viana, na "Memória sobre o Estado da Bahia", pág. 640; Alfredo de Carvalho nos "Anais da Imprensa da Bahia", pág. 3; o "Guia das bibliotecas brasileiras" pág. 18 da 2.ª edição, de 1944; Borges de Barros, também, traz a data de que se trata, no seu livro "A margem da história da Bahia", pág. 329. Sacramento Black, — "Dicionário bibliográfico brasileiro", vol. 7, pág. 41 — acha que, em 13 de maio foi a fundação e, em 4 de agosto, a inauguração. O bel. José de Oliveira Campos, no discurso pronunciado no dia em que a biblioteca foi reinaugurada, a 28 de setembro de 1919, refere-se, também, á data 13 de maio (Diário Oficial do Estado, de 10 de outubro de 1919). Como vemos, muitas pessoas autorizadas opinam pela data 13 de maio. Cremos que, tendo Acioli escrito esta data em a sua obra, todos os demais vieram-na repetindo, tirando um dos outros, e todos descansados na autoridade incontestável do grande do autor das "Memórias históricas". José Alvares do Amaral, no seu "Resumo cronológico e noticioso da Província da Bahia", 2.ª ed. revista e anotada por J. Teixeira de Barros, 1922, pág. 388, adota uma terceira data: 14 de agosto, Teixeira de Barros acha que se trata de um equívoco e acrescenta que "a verdadeira data é 4 de agosto", consoante nota á obra de Amaral, na referida página. Com a data 4 de agosto, está de acôrdo Sílio Bocanera Junior, em suas obras "Bahia histórica", pág. 86 e "Bahia epigráfica e iconográfica", pág. 73, dando-a como a data da instalação ou inauguração e, como fundação, 13 de maio, acompanhando Sacramento Blake. Temos, agora, uma opinião valiosa porque a de quem escreveu até agora o melhor trabalho sobre a Biblioteca Pública: Antônio Moniz Sodré de Aragão. Efetivamente, em sua "Memória sobre a Biblioteca Pública da Província da Bahia", publicada em 1878, embora escrita em 1871, dá como sendo a fundação em 4 de agosto, data que é a que dá o Diário Oficial em sua edição especial do centenário, aos 2 de julho de 1923. Cremos que esta data, 4 de agosto de 1811, é a verdadeira, e cremos porque nos demonstram os mais antigos documentos porventura existente a êsse respeito. De-feito, Pedro Gomes Ferrão Castelo Branco, o verdadeiro idealizador e fundador da Biblioteca, apresentou ao Conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha e Brito, administrador emérito e espírito progressista, um "Plano para o estabelecimento de uma biblioteca pública na cidade de S. Salvador da Bahia de Todos os Santos", com a data de 26 de abril de 1811. Há aliás, um fato que merecê não ficar esquecido. Em 13 de maio de 1811, foi inaugurada a biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, como consta do aviso de 12 de outubro dêsse ano, dirigido pelo conde de Aguiar ao dos Arcos, segundo nos afirma Rodolfo Garcia, em nota a Varnhagen, História do Brasil, 3.ª edição, tomo V, pág. 112, nota 73. Não virá, daí, a confusão? Este "Plano" foi aprovado em 30 do mesmo mês, conforme officio do Conde dos Arcos, desta data, referido por Moniz Sodré na sua "Memória" á pág. 25, nota 16. Temos, porém, uma prova mais importante, qual seja a de ter sido êsse "Plano" com a data de 26 de abril e o imprima-se do Conde dos Arcos de 8 de maio seguinte, publicado no

"Correio brasiliense", vol. VII, Londres, 1811, pág. 219. E mais, em 4 de agosto do mesmo ano, inaugurou-se a **Biblioteca**, solenemente, na sala do docel do Palácio do Governo, em virtude de não o permitir o estado de ruínas em que se achava o salão da antiga livraria dos jesuítas, onde, depois, passou a funcionar a Biblioteca. Com efeito, "O Investigador português em Inglaterra", no seu vol. III, sem data, mas com certeza, o número de março 1812, às páginas 62 a 66, transcreve, na íntegra, o "Discurso na sessão de abertura da **Livraria Pública da Bahia**", no dia 4 de agosto de 1811, por seu autor Pedro Gomes Ferrão Castelo Branco, discurso que Moniz Sodré publicou em sua "Memória", págs. 43 a 52. Pelo que, aceitamos a data 4 de agosto de 1811 como a da fundação da **Biblioteca Pública da Bahia**. Ademais, não nos foi difícil saber a origem da data de 13 de maio. É que foi a 13 de maio de 1811, precisamente, que se inaugurou a **Tipografia** de Manuel da Silva Serva, permitida por carta régia de 5 de fevereiro do mesmo ano. Aliás, diga-se de passagem, que muitos escritos históricos, dão esta efeméride como ocorrida a 5 de janeiro, e não a 5 de fevereiro; mas, Alfredo de Carvalho nos "Anais da imprensa da Bahia", desfaz, definitivamente, o engano, transcrevendo, na íntegra, a referida Carta régia". Pois bem, no dia 13 de maio, como dissemos, saíram dos prelos da dita tipografia o "Prospecto da **Gazeta da Bahia**" e o "**Plano da Biblioteca Pública**". Consulte-se, a esse respeito, a obra de Carlos Rizzini — "O livro, o jornal e a tipografia no Brasil", página 322, e ainda os "Anais da imprensa na Bahia", por João Nepomuceno Torres e Alfredo de Carvalho, pág. 16 e, também, José Alvares do Amaral, op. cit. pág. 16, que às duas publicações referidas acrescenta uma terceira —: a "Oração gratulatória a S. A. R. do padre Inácio José de Macedo". Daí, certamente, vem o erro de se atribuir a fundação da **Biblioteca**, a 13 de maio em vez de a 4 de agosto, se não foi, simplesmente confusão com a data de fundação da Biblioteca Nacional, como ficou acima dito. Outrossim, deve de ficar esclarecido que o título era "**Livraria Pública da Bahia**" como vemos do citado "Discurso" de Pedro Gomes Ferrão.

Sem em nada querer escurecer o papel, realmente, decisivo que teve na fundação da **Biblioteca** o Conde dos Arcos, administrador esclarecido e modelar, temos, todavia, o dever de aqui mostrar que em verdade, foi Pedro Gomes Ferrão Castelo Branco o seu verdadeiro idealizador e fundador, já fazendo o "**Plano**" e apresentando ao Conde dos Arcos; já agindo com toda a sua influência de homem rico, culto e altamente relacionado no meio social da época; já, ainda, influenciando na empresa, pessoas outras importantes como seu primo Alexandre Gomes Ferrão Castelo Branco e o padre Francisco Agostinho Gomes, ilustre em letras e patriotismo, e já enfim, oferecendo sua biblioteca particular como o fez, também, o padre Francisco Agostinho Gomes. Fez mais ainda, porquanto, com sua livraria, ofereceu Gomes Ferrão a importância de cinquenta mil réis, quantia não pequena para a época. O resultado de toda essa campanha foi o de a **Biblioteca Pública** abrir suas portas com quasi 4.000 volumes, segundo alguns autores e, segundo outros, com 3.000, e mais a quantia de três mil e duzentos e sessenta e um mil réis (3.261\$000). Referentemente ao acervo inicial, os que dão o número de 3.000 volumes são Sílio Bocanera Júnior. — Bahia histórica, pág. 86, e Acioli, op. cit., pág. 57, da 2a. edição.

Foi primeiro diretor da **Biblioteca** o seu fundador, Pedro Gomes Ferrão, tendo por secretário o padre Francisco Agostinho Gomes e tesoureiro o negociante Manuel José de Melo. Até 1814, a **Biblioteca** se desenvolveu e cresceu normalmente, mas, nesse ano, por motivo de moléstia, de que veio a falecer em 1815, afastou-se Pedro Gomes da direção, que passou ao padre Agostinho Gomes. Este acumulou o cargo de diretor e secretário, que já exercia. Com a morte de Pedro Gomes e a saída do Conde dos Arcos do Governo, começou a **Biblioteca** a ficar no esquecimento.

por longos anos. Em 1818, foi publicado o seu primeiro catálogo, na tipografia de M.A. da Silva Serva, e o primeiro impresso, no Brasil — “Catálogo dos livros que se acham na **Biblioteca Pública da cidade da Bahia**” — e de que nos dá notícia Rodolfo Garcia, op. e vol. cit. pág. 119, nota 70. Nessa época havia, já, 15.361 obras completas e 426 truncadas, consoante consta do referido Catálogo. Em 1866 já o acervo era de 16.848 volumes, com um aumento portanto de 513 volumes e, em 1871, já subiu à 18.285.

Em 1886, com o afastamento do Com. Ferrão Muniz, em 30 de outubro foi nomeado para substituí-lo o seu ajudante, o Dr. Frederico Augusto da Silva Lisboa, que, entretanto, removido para o Arquivo Público, foi substituído pelo Bel. José de Oliveira Campos, em 3 de novembro do dito ano de 1886. O Dr. Oliveira Campos foi bibliotecário durante 38 anos, até 1924. Em 1891, já o bibliotecário em Relatório ao Governador, encarecia a necessidade de mudança da **Biblioteca**, e esse pedido passou a ser constante em seus Relatórios, especialmente, nos de 1894 e 1899 onde ele justifica essa necessidade, dizendo, no de 1894: “o maquinismo do Plano Inclinado em contínuo atrito, espargindo fumaça, de um lado a cocheira da “Linha Circular”, e do outro, o necrotério da Academia, bem como a escada de volta do lado externo do edificio, são cousas que concorrem para não ser mais frequentada a **Biblioteca**”. Já no fim do século, ao apagar das luzes, em 30 de dezembro de 1899, no discurso com que inaugurou a **Biblioteca Municipal**, o Dr. Francisco de Paula Oliveira Guimarães afirma que a **Biblioteca Pública** “possue presentemente mais de 20.000 volumes”. Pouco depois mudou-se a **Biblioteca**.

Segundo informa Sílio Bocanera Júnior, na “Bahia Histórica” pág. 87, foi no dia 26 de abril de 1900 que se deu a mudança para o pavimento térreo da **Casa do Senado** á praça 13 de Maio (Piedade) e que, seis anos depois, portanto, em 1906, mandaram-na para os baixos do Palácio do Governo. Bocanera diz que, por essa época o acervo era de 60.000 volumes; mas há exagêro grande nesta cifra. Ora, em 1899, o acervo era de cerca de 20.000 volumes, como poderiam aumentá-lo de 40.000 volumes com os recursos pequenos de que a **Biblioteca** dispunha e ainda hoje, dispõe? Esses números não são verdadeiros. Aliás, na sua Mensagem á Assembléia Geral Legislativa, de 1911, o Governador do Estado, o Dr. João Ferreira de Araújo Pinho, diz que o acervo, então, era de 42.000 volumes, sendo que 30.000 estavam em estantes novas, nos quatro salões do pavimento térreo do Palácio, e que se estava providenciando cômodos para os 12.000 volumes restantes (pág. 15). Mas, em 10 de janeiro de 1912, foi esta cidade selvagemmente bombardeada e, nesse bombardeio, foi atingido o Palácio do Governo e, conseqüentemente, incendiada e totalmente, destruída a **Biblioteca** centenária, com suas ricas e raras coleções, entre as quais a “Idade de Ouro” o primeiro jornal publicado na Bahia, e um exemplar da Biblia poliglota, de 1657. Do desastre, salvaram-se, tão sómente, uns 300 volumes, diz Sílio Bocanera, mas assim mesmo, incluindo os de escrituração da própria **Biblioteca**. E foi assim que em um século de existência, acumulando pouco e pouco um acervo de preciosidades, tudo desapareceu em um momento. Mas resurgiu das cinzas, como a fênix da fábula, a velha **biblioteca**. De feito, logo após o desastre que vimos mencionar, foi o então Intendente desta Capital, o Dr. Julião Vieiros Brandão, autorizado pela Lei n. 933, de 20 de junho de 1912, a entrar em entendimentos e acôrdo com o Governo do Estado para este passar todo o acervo da **Biblioteca Municipal** o que realmente se deu, no dia 22 de fevereiro de 1916 com um total de 5.000 volumes encadernados. Em 17 de fevereiro de 1916 foi iniciada a construção do prédio da **Biblioteca**, inaugurada em 28 de Setembro de 1919. Era, então, Secretário do Interior e Justiça, da qual era dependente a **Biblioteca**, o Dr. Gonçalo Moniz Sodré de Aragão, que não poupou esforços para a reôr-

ganização da velha **Biblioteca**, quer obtendo como se disse, o acervo da **Biblioteca Municipal**, quer conseguindo uma verba de cinquenta contos de réis (50.000\$000) para aquisição de livros, proposta que passou a constituir um dos dispositivos da Lei orçamentária do Estado para o exercício de 1920, quer, ainda mandando construir o prédio próprio da **Biblioteca**, á então Praça Rio Branco, hoje, de Tomé de Souza, construção iniciada a 17 de fevereiro de 1916.

Enquanto se não construía o prédio próprio, instalou-se a **Biblioteca**, provisoriamente, no prédio n. 19 à rua do Visconde do Rio Branco, antiga Ladeira da Praça, para onde se mudou desde setembro de 1912, sendo que antes de ali se instalar, andou de déu em déu, como vamos vêr: por um mês, no prédio n. 23 à mesma rua Visconde do Rio Branco; três meses, em um dos pavimentos térreos do Palácio do Governo, e cinco meses em uma sala do Arquivo Público que, por sua vez, estava no edificio da Escola de Belas Artes, onde depois, passou a funcionar o Senado. Mas, depois de 108 anos, possuía, finalmente, a **Biblioteca**, prédio próprio com a capacidade para mais de 100.000 volumes. Ressurgiu das cinzas de 1912 com 28.000 volumes, sendo que, deles, 16.000 volumes eram encadernados e 12.000 em brochura. Quando em 1920, o Dr. Antonio Ferrão Moniz de Aragão passou o Governo a seu sucessor, o Dr. José Joaquim Seabra, consignou, na Exposição que apresentou a este, que em 1916, na Mensagem, apresentada à Assembléia Geral Legislativa, pela mesma, dizia, então, que o acervo era, já, de 25.000 volumes. No ano de 1939 quando foram fornecidos dados para o Instituto Nacional do Livro, o acervo era estimado em 85.783 volumes, além de 46.314 avulsos, consoante se vê do "Guia das Bibliotecas Brasileiras" tanto na primeira edição de 1941, como na segunda, de 1944.

Criou o diretor Osvaldo Imbassahy, na sua administração (1943—1954), duas novas secções: a circulante, que está com a media de 36.000 empréstimos anuais, e a de referência, com cerca de 100.000 consultas anuais, havendo uma frequência de cerca de 30.000 pessoas por ano. Esses números são cálculos, de vez que a dita secção não controla o número de consultas.

Quanto ao núcleo geral, atende a 100.000 consultas anuais com 60.000 obras consultadas em média, que está sempre crescendo de ano para ano. As duas novas secções já referidas têm dado magníficos e compensadores resultados. Estão ambas classificadas pelo sistema decimal de Dewey, e catalogadas pelo Código da American Library Association (A. L. A.) com toda a técnica moderna. Esses dois serviços foram implantados por bibliotecários diplomados pela Escola de Biblioteconomia da Bahia.

O prédio da **Biblioteca**, cuja capacidade é para 100.000 volumes, dadas as exigências modernas, com área ocupada pelos leitores tornou-se insuficiente, não havendo espaço onde se possa colocar volumes não catalogados. Os já existentes encontram-se mal acondicionados, apertados nas prateleiras de forma a prejudicar o serviço e a se estarem os livros estragando.

2.

BIBLIOTECA CENTRAL DE EDUCAÇÃO

Foi fundada em 1949, na administração do Dr. Anísio Teixeira, com um acervo inicial de 1.931 volumes. Conta atualmente, com 8.074 volumes, assim distribuídos: secção de referência — 2.000 volumes; secção circulante — 2.724 volumes; secção circulante infantil — 1.675 volumes, e secção infantil para estudos — 1.675 volumes. É pública, oficial. Funciona no prédio n. 377, à Av. Sete de Setembro, bem em frente à Secretaria de Educação e Saúde. Não foi, ainda, inaugurada oficialmente, em

virtude de não ter sido, ainda, a despeito de todos os esforços feitos, aprovado, pela Câmara Legislativa do Estado, o Projeto de criação. É especializada em educação e tem, por finalidade, manter as bibliotecas escolares com os livros de seu depósito, que o possui, além do seu acervo próprio, com um total, só o depósito, de 14.240 volumes. É mantida pela Secretaria de Educação. Tinha para isso uma verba anual de Cr\$ 200.000,00, que foi, atualmente, reduzida para Cr\$ 100.000,00 graças ao patriotismo do deputado Carlos Aníbal. Na Bahia, é assim; biblioteca é luxo; foot-ball e carnaval, sim, precisam de ser amparados pelos cofres públicos. É triste, mas é verdade, isto.

A Biblioteca Central tem tido uma média de 1.800 consultas por ano. É classificada pelo sistema decimal de Dewey e, em catalogação, adota o Código da A.L.A.

3.

BIBLIOTECA INFANTIL "MONTEIRO LOBATO"

Fundada em 18 de abril de 1950, pela professora Denise Fernandes Tavares, com um acervo inicial de 500 volumes. Atualmente o seu acervo é de 3.835 volumes, assim distribuídos: secção circulante — 2.285 vols.; secção fixa — 1.550 vols. É especializada, como seu próprio nome indica. Mantida pelo Governo do Estado, através da Secretaria de Educação, com uma verba de Cr\$ 50.000,00 para aquisição de livros e Cr\$ 12.000,00 para asseio (material e ordenado da zeladora). Está classificada pelo sistema decimal de Dewey adotando para catalogação o Catálogo da A.L.A. Catálogos usados: de títulos, autor e assunto, para o público; catálogo inventário. Funciona, nos dias úteis das 8,50 às 12 horas e das 14 às 17 horas.

Esta biblioteca tem prestado um serviço inestimável à petizada de nossa terra e sua frequência fala bem alto a esse respeito. De-feito, em 1950, foi frequentada por 23.797 pessoas; em 1951; por 20.192, e em 1952, até outubro, a frequência já subira a 19.809. A Biblioteca Infantil está instalada no pavilhão existente no Jardim de Nazaré, no centro de Parque na parte mais chegada ao Hospital de Santa Isabel. É um ambiente agradável e alegre. A profa. Denise Tavares teve de lutar porfiadamente, para fundar essa bela biblioteca infantil. Tem a Biblioteca Infantil realizado já, uma grande parte do seu vasto programa, como veremos: já iniciou a secção denominada "A Canastrinha da Emília", recolhendo documentos, objetos e relíquias pertencentes a Monteiro Lobato, o patrono da Instituição; já está também inaugurada a secção "As jóias do Visconde de Sabugosa", coleção de livros autografados; a "Galeria de Escritores"; a de "Bibliotecas de escritores infantis"; a "Secção de Discos" com histórias e músicas infantis e a secção "Hora do Conto", realizada com o concurso da Profa. Bety Silva.

4.

BIBLIOTECA DA INSPECTORIA DE MUSEUS E MONUMENTOS

Fundada com o Museu em 1931. Até o ano de 1939, não teve nenhuma dotação, e possuía, somente, 115 volumes, entre ofertas, requisições e transferências, etc. O acervo atual é de 4.472 volumes especializados em arte, história, antropologia e algumas obras de referência, de valor reconhecido, mantendo o sistema de permutas com outros Museus e Instituições congêneres com suas publicações próprias. É semi-pública.

Seu serviço de empréstimo é relativamente pequeno, especialmente pelo motivo do alto custo das obras que possui em seu acervo, obras importadas da Europa, da América do Norte, e da Argentina. Está classificada pelo sistema decimal de Dewey; a catalogação é, em parte, organizada com a colaboração das fichas impressas pela Library of Congress, sendo que cerca de 2.000 volumes já estão catalogados. Usa o Catálogo dicionário para o público. Tem livro de tombo. Mantém a assinatura de 27 revistas especializadas, brasileiras, americanas, inglesas, francesas, argentinas e portuguesas. É a mais importante no conjunto de livros de arte, na Bahia e no norte do País.

5.

BIBLIOTECA DO COLÉGIO ESTADUAL DA BAHIA

A data de sua fundação é controvertida. A bibliotecária atual, que nos forneceu a informação pedida, disse ter sido fundada em 1837, na mesma data da fundação do então Liceu Provincial da Bahia. Daí o primeiro equívoco. Verdade é que o Liceu foi instalado no dia 7 de setembro de 1837, mas a fundação foi em 1836, pela Lei n. 33, de 9 de março desse ano. Por outro lado, o "Guia das bibliotecas brasileiras" traz a data de 24 de maio de 1895. Não sabemos a fonte em que foi, a mesma, obtida. Ao nosso vêr, nenhuma delas está certa, pelas razões que, abaixo, vamos dar.

Diz-nos o Prof. Elias de Figueiredo Nazaré, na sua obra, "Liceu Provincial da Bahia", que a biblioteca do Liceu foi organizada no ano de 1872, graças aos esforços do então vice-diretor, o Dr. Antônio Franco da Costa Meireles (pág. 49). O acervo inicial continha o Prof. Nazaré, formou-se com os donativos feitos pelo dito Dr. Costa Meireles e de duplicatas que ele obtivera da Biblioteca Pública, por ordem do governo, e ofertas de terceiros. Ficou encarregado da guarda e catalogação dos livros o Dr. Luís José da Costa, professor de história, no mesmo Liceu. Igualmente, opinam por esta data, 1872, os Drs. Gelasio de Abreu Farias e Francisco da Conceição Menezes, na substanciosa "Memória histórica do ensino secundário oficial na Bahia", pág. 172. Neste trabalho consciencioso e probo, os fatos estão descritos com sobriedade e justeza, pelo que muito justo é que lhe acatemos a opinião.

O acervo atual é de 4.750 volumes, sendo que, em 1938, quando foi registrada no Instituto Nacional do Livro era somente de 1.199 volumes.

Finalidade geral. Forte em obras didáticas e em educação. Funciona no 2.º pavimento do pavilhão central do Colégio, em uma área de 54.96m², em estantes de jacarandá. Possui uma secção de referência em sala separada. Está classificada pelo sistema decimal de Dewey e, para catalogação, usa o Catálogo da A.L.A. Usa o catálogo dicionário, para o público, além do topográfico, para uso interno, e o livro de inventário. Em 1948, foi organizada a secção circulante, com ótimo resultado, havendo, nesse mesmo ano 3.947 consultas e 1.986 empréstimos; em 1949, o movimento foi de 17.779 consultas e 7.109 empréstimos passando em 1950 e 1951, respectivamente, a 40.266 e 26.254 consultas e 13.226 e 12.295 empréstimos. Possui algumas raridades, como a "Flora brasiliensis" de Von Martius, obra preciosa, o "Calepinus septem linguarum", a "Grammaire comparée des langues indo-europeennes", de Bopp, os "Sermões" de Vieira, edição de 1854, único exemplar desta edição conhecido na Bahia, etc.

É mantida pelo Estado. É semi-pública.

BIBLIOTECA M. A. TEIXEIRA DE FREITAS

(Departamento Estadual de Estatística)

Fundada em junho de 1934, com 1.079 volumes. Acervo atual: 6.060 volumes. Finalidade: especializada em estatísticas. Funciona, nos dias úteis, das 14 às 17 horas e, aos sábados, das 9 às 12h. Média mensal de consulentes: 16. Consultas na Séde. Empréstimo domiciliar: 15 dias de prazo.

Instalada no prédio n. 277 á Av. Sete de Setembro, nesta Capital. Pessoal: 1º funcionário remunerado; bibliotecário mantido pelo Departamento Estadual de Estatística. Classificação: decimal, adaptada. Catálogos por autor, por título e por assunto.

7.

BIBLIOTECA LUIS SIMÕES LOPES

(Departamento do Serviço Público)

Fundada em 1944. Acervo atual: 1.500 volumes, sendo 1.200 tomados e 300 por tomar. Mantém a assinatura de 13 revistas especializadas. É mantida pelo Governo do Estado; é oficial e especializada em direito administrativo, administração e organização de serviço público. É semi-pública, de vez que se destina aos funcionários. É circulante. Está classificada pelo sistema decimal de Dewey; Catálogo: usa o A.L.A. Mantém o Catálogo dicionário, para o público, e o topográfico, para uso interno. Possui o livro de tombo.

8.

BIBLIOTECA DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO

Não pude conseguir saber a data da fundação. Em 1943, quando foi registrada no Instituto Nacional do Livro, seu acervo era de 1.500 obras em 3.700 volumes. Atualmente, com a anexação da antiga biblioteca do Forum, e com as novas aquisições, seu acervo subiu para 12.470 volumes. É mantida pelo Estado, através da Secretaria do Interior e Justiça. Finalidade: especializada em ciências jurídicas e sociais, conquanto possua algumas obras gerais, de literatura (pouquíssimas). Está, atualmente, muito bem instalada em dois amplos salões conjugados e com ampla comunicação interna, no quinto andar do Forum Rui Barbosa, á Praça de D. Pedro II, antigo Campo da Pólvora. Está sendo organizada de acôrdo com a classificação do sistema decimal de direito, na adaptação da classificação de Bruxelas, e como catálogo adota o do Vaticano, com modificações. Usa catálogo dicionário para o público; catálogo topográfico e tombo. É semi-pública, circulante.

BIBLIOTECA DO INSTITUTO NORMAL DA BAHIA

Foi fundada em 1.º de novembro de 1859. Acêrvo: 1876 obras em 2.218 volumes. Finalidade: geral mas forte em pedagogia.

É mantida pelo Instituto. Catálogos de autor e assunto. Livro de tomo.

III

BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

BIBLIOTECA "GONÇALO MONIZ"

(Da Faculdade de Medicina da Bahia).

Foi fundada em 5 de maio de 1836 pelos esforços do Dr. Francisco de Paula Araújo e Almeida, então Diretor da Faculdade, com um acêrvo inicial de 400 volumes. Em 1905, conforme nos informou a bibliotecária, o acêrvo era aproximadamente de 15.000 volumes, ou segundo nos diz Sílio Bocanera Júnior na sua "Bahia Histórica" de 22.000 volumes, representando 14.000 obras, quando foi incendiada e completamente destruída. De-feito, em a noite de 2 de março do dito ano de 1905 ocorreu o fatal evento que destruiu quasi toda a parte antiga do velho edificio dos jesuitas, já então reformado pelo Dr. Pacifico Pereira entre 1895 e 1898, quando foi Diretor da Faculdade. Nêsse incêndio ficou totalmente destruída a riquíssima biblioteca, que, entretanto, foi reinaugurada em 31 de abril de 1909, já então em área própria, em um pavilhão anexo à Faculdade, todo êle contruido de material incombustível em 4 pisos de vidros foscos, e estantes de ferro, pavilhão que demora para os lados das Portas do Carmo. As obras de construção foram iniciadas em 6 de agosto de 1905 e concluídas em 31 de janeiro de 1909, sob a orientação técnica do grande Engro. Teodoro Sampaio, até 1907, e do Engro. João Navarro de Andrade, até o término da obra, da qual foi arquiteto Victor Dubugras. Em 1910, imprimiram-se dois catálogos, um das obras e periódicos, e outro das teses adotando-se em ambos a ordem alfabética de autores, sendo que para as revistas usaram-se os títulos. Estes catálogos foram feitos pelo bibliotecário de então, o Sr. Pedro Rodrigues Guimarães. Em 31 de dezembro de 1919 dez anos depois o acêrvo era já de 12.557 obras em 19.823 volumes sendo que deste 1.310 volumes se compõem de teses em número de 11.809. Nesse ano de 1919 a frequência foi de 14.174 pessoas. Para a restauração da biblioteca, dois nomes não devem deixar de ser mencionados aqui os dos Srs. Drs. Alfredo Thomé de Brito e Gonçalo Moniz Sodré de Aragão, professores da Faculdade. Atualmente, o acêrvo é de aproximadamente 37.000 volumes. Recebe a biblioteca mais de 800 revistas especializadas. Finalidade: especializada em medicina e ciências correlatas, conquanto tenha obras gerais como enciclopédias dicionários e muitas obras de literatura antigas. Entre as preciosidades de seu acêrvo destacam-se as seguintes: a "Flora brasiliensis" de Von Martius, completa, em ótimo estado, e o rarissimo dicionário de Bluteau (*), que

(*) — A Biblioteca da Academia de Letras da Bahia também possui um exemplar do Dicionário de Bluteau que pertenceu a biblioteca do Grêmio Literário da Bahia — A. R.

assim se torna o segundo exemplar conhecido na Bahia, sendo o primeiro o do Instituto Histórico. Para a classificação é adotado o sistema decimal de Dewey, Catálogo o do Vaticano com modificações. Usa catálogo-dicionário para o público; topográfico, para uso interno; livro de tombo, e para a secção de revistas o Cardex. Possui ótimo salão de leituras. Mantém um serviço com vários funcionários.

2.

BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FILOSOFIA

Foi fundada em 13 de junho de 1914 e instalada em 4 de novembro de 1942, com um acervo inicial de 2.030 obras em 2.218 volumes. Finalidade: geral. Depois de ofertas sucessivas, foi grandemente enriquecida, especialmente com as feitas pela Reitoria da Universidade da Bahia das bibliotecas particulares que pertenceram aos Drs. Hermano de Santana e José Bonifácio Mariani Filho, além de outras ofertas particulares e de aquisições. Sómente a biblioteca que foi do Dr. Hermano de Santana possuía um acervo de mais de 10.000 volumes. E assim é que o acervo atual é de 23.232 volumes, além de 4.638 revistas e 1.370 folhatos. Mantém a assinatura de cinco revistas. Funciona em um pavilhão, ao fundo do prédio n. 183, à Av. de Joana Angélica, onde funciona a Faculdade de Filosofia. Está classificada pelo sistema decimal de Dewey; usa o Catálogo da A.L.A. Catálogo por autor e títulos; catálogo topográfico. Livro de tombo. Por falta de espaço ha cerca de 8.000 volumes do acervo sem classificação e catalogação, empilhados por cima das estantes. É mantida pela Faculdade de Filosofia, sendo o pessoal: 4 bibliotecárias e 6 funcionários outros. Em 1951 foi frequentada por 3.601 pessoas, fornecendo 688 consultas na biblioteca e 4.102 empréstimos, no total de 4.790. Permite livre acesso às estantes. Abre nos dias úteis, nos dois turnos regulares.

3.

BIBLIOTECA DA ESCOLA POLITÉCNICA DA BAHIA

Foi fundada com a Escola Politécnica em 14 de março de 1897. Em 11 de junho de 1952 o acervo era de 8.560 obras em 9.020 volumes. Especializada em engenharia e matemática. Semi-pública. Está classificada pelo sistema decimal de Dewey, e para catalogação usa o Código da A.L.A. Para o público há o catálogo de autores e o de títulos e assuntos. Para uso interno mantém o Catálogo topográfico, além do Livro de tombo. É circulante. É mantida pela Escola Politécnica. É semi-oficial, circulante e permite o livre acesso do consulente às estantes. Média mensal de consultas: 7.462. Funciona no prédio n. 75, à Av. Sete de Setembro, anexo à Escola Politécnica.

4.

BIBLIOTECA TEIXEIRA DE FREITAS

(Da Faculdade de Direito da Bahia)

Foi fundada em novembro de 1897, e funciona no prédio da Faculdade de Direito, térreo, à Praça de Teixeira de Freitas. Teve muitas doações particulares. É semi-pública de uso dos professores e alunos da Faculdade. Acervo atual: 7.600 volumes. Especializada em ciência jurídica.

cas e sociais. Arrumação por matéria. Não está classificada nem catalogada, devendo sê-lo, em breve, pelo sistema decimal da Bruxelas, segundo nos informaram. É mantida pela Faculdade de Direito, mas a verba de manutenção é insignificante.

IV

BIBLIOTECAS DE INSTITUIÇÕES PARTICULARES

BIBLIOTECA DO INSTITUTO FEMININO DA BAHIA

1.

Foi fundada em 5 de outubro de 1923; funciona em prédio do Instituto Feminino, à rua de Mons. Flaviano Silva n. 2, ao Politeana. É mantida pelo mesmo Instituto. Acervo inicial: 500 volumes, que tinham franca circulação entre as senhoras baianas.

Semi-pública, de vez que serve somente à população feminina de nossa Capital. É circulante, e tem atualmente o acervo elevado a 9.233 volumes. Finalidade: geral. Está aberta nos dias úteis, das 9 às 12 e das 14 às 17 horas. Possui edições raras e preciosas, coleções de revistas; revistas e jornais nacionais e estrangeiros, e obras de referência e consulta, enciclopédias, dicionários, etc. Como já afirmamos, é circulante, sendo porém a primeira na Bahia que existiu com esta característica. Mantém um Circulo Social de Estudos desde 1933, sob a direção competente do Pe. Mons. A'pío Silva, e, desde 1936, patrocina, periodicamente, um curso de tradição da Bahia, assim como um curso de "Braille" para os cegos, curso esse que merece, éle sobretudo, os nossos aplausos, por ser uma obra social de real importância. Foi organizada em 1937 com a técnica decimal de Dewey, e o de catalogação pelo Código da A.L.A. Mantém catálogos de autor, título e assunto, para o público, catálogo topográfico e Livro de tombo para o uso interno. Há anexo à Biblioteca um rico museu de artes e objetos antigos da Bahia. Possui a coleção "Brasíliana" completa.

2.

BIBLIOTECA DO GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA

Fundada em 2 de março de 1883 com o Gabinete Português, tem esta biblioteca prestado relevantes serviços á nossa terra.

Funciona em amplo salão apropriado, no piso térreo do prédio próprio, estilo manuelino, sito à Praça 13 de maio (Piedade). Abre diariamente das 9 às 12 e das 15 às 21 horas, e aos domingos das 9 às 12 horas. Finalidade: geral. Forte em literatura portuguesa. É mantida pelo Gabinete Português de Leitura. É pública; circulante entre os sócios do Gabinete. Acervo atual: cerca de 20.000 volumes. Catálogos: por autor e título; tombo (fichário). Não é classificada.

Média mensal de frequência: 2.000.

BIBLIOTECA DO INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA

Foi fundada em 1894, no dia 13 de maio, juntamente com o Instituto, com um acervo inicial de 164 obras doadas. Em 14 de setembro de 1913, consoante nos informa Sílio Bocanera Júnior, "mãos criminosas de um operário, ao serviço da ignorância, tentaram, propositadamente, destruir o Instituto pelas chamas". Infelizmente, quasi todo o Arquivo foi destruído, no qual havia coleções dos velhos órgãos da imprensa baiana, edições raras e esgotadas, entre as quais a "Idade de Ouro", o primeiro jornal impresso na Bahia, em 1811, além de documentos manuscritos, inéditos de valor inestimável de nossa história. Em 1914, no mês de março, foram iniciadas as obras de remodelação do edifício sob a competente direção do Eng. Teodoro Sampaio, e a 15 de novembro do mesmo ano reabria seus pórticos. Era então situada na Praça 15 de Novembro, antigo Terreiro de Jesus, hoje próprio e sede da Academia de Letras. Em 31 de dezembro de 1919 o acervo era de cerca de 2.000 obras representando mais de 4.000 volumes, catalogados e encadernados, afora grande número de brochuras. Atualmente, o acervo é de 23.000 volumes, sendo que cerca de 10.000 deles não estão catalogados, por falta de espaço. Finalidade: geral, mas muito forte em história e geografia. Funciona em ampla sala de nominada Rui Barbosa, no piso térreo do prédio próprio do Instituto, á Av. Sete de Setembro, n. 94-A. Para o público tem dois catálogos, um de autores, e outra de títulos e assuntos. Tem livro de tombo. Média mensal de consultas: 200. Circulante para os sócios. É mantida pelo Instituto. Possui um precioso núcleo de obras raras, como, por exemplo, o Debret em 1ª edição, Barleus, o Dicionário de Bluteau e o único exemplar existente de "Variedades" a primeira revista literária publicada na Bahia em 1813, oferecido ao Instituto pelo Sr. Marques dos Santos, e coleções completas de várias revistas sobre história. Publica uma revista que já está no volume 78. Anexo á Biblioteca, há um riquíssimo arquivo de manuscritos, uma mapoteca e um museu arqueológico e uma secção de numismática e uma de quadros.

4.

BIBLIOTECA DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO

Fundada com o Mosteiro em 1581, é, por sem dúvida, a mais antiga biblioteca da Bahia entre as existentes, porquanto a dos jesuitas, fundada em 1549, já desapareceu. Funciona em um amplo salão e mais três salas anexas, no Mosteiro, em grandes estantes abertas. Atualmente, o acervo é de 22.390 volumes catalogados, 3.000 sem catalogar e cerca de 3.000 folhetos. Sistema de classificação empírico. Catalogação por autor, título e assunto. Livro de tombo. Arrumação por assunto e tamanho. Finalidade: geral. Fortíssima em assuntos religiosos, que abrangem cerca de dois terços do acervo total. É mantida pelo convento; particular, mas podem os padres seculares assim como os eclesiásticos em geral, consultar, na própria biblioteca, e mediante permissão, os livros que desejarem; os monges, todavia, podem retirar os livros para suas celas, e para isso têm livre acesso às estantes. Média mensal de consultas: 100. Possui muitas obras de grande raridade e preciosíssimas, entre as quais o cimélio "Postille Supra Evangeliorum Luci", por Albertus Magnus, edição de

1504. Há anexa à biblioteca, mas com administração independente, um riquíssimo arquivo com cerca de 200 volumes manuscritos referentes à história do Convento, e, conseqüentemente, sobre a história de nossa terra.

5.

BIBLIOTECA DO CONVENTO DE SAO FRANCISCO

Foi fundada em 1751. Em 1914 foi restaurada, especialmente a sala onde está instalada, e onde se vê, encimando a porta, as duas datas.

Ficou por muito tempo sem trato, vindo assim a se perder obras preciosíssimas consumidas pelo cupim e pela traça. Por ocasião da restauração, muitas dessas obras tiveram que ser jogadas fóra. Em 1947, o acêrvo era de 9.995 volumes, sendo 9.610 catalogados e 385 sem catalogar. Atualmente o acêrvo é de, aproximadamente, 11.000 volumes. Finalidade: geral, mas muito forte em assuntos religiosos, que compreendem cerca de quatro quintos do acêrvo total. Classificação: não tem. Mantem um Catálogo de autor e outro de assunto e título. Arrumação por assunto. Ocupa um amplo salão do Convento de S. Francisco toda a parte religiosa, e há muitas outras secções em diversas salas diferentes, para atender à necessidade dos frades. É particular. O consulente (frade do Convento) tem livre cesso à estante, e éle próprio anota a retirada do livro, em cartão próprio, podendo levá-lo para sua cela. Está situada na parte mais alta do Convento, e a sala da biblioteca é uma obra de arte feita por Fr. Manuel de Santa Maria, em 1751, e restaurada por Frei Cornélio Neises em 1914.

6.

BIBLIOTECA SEVERINO VIEIRA

Da Ordem dos Advogados do Brasil, Secção da Bahia)

Foi fundada em 27 de setembro de 1938, com um acêrvo inicial de... 4.000 volumes, que integravam a Biblioteca que foi do Dr. Severino Vieira, e foi doada á Ordem dos Advogados pela família do mesmo. Mais tarde foi incorporada á mesma a riquíssima e preciosa biblioteca que pertenceu ao Bel. Joaquim Pires Moniz de Carvalho com 14.000 volumes de obras raras e preciosas, adquiridas pelo Governo do Estado e doada á Ordem dos Advogados em 1942. O acêrvo atual é de cerca de 20.000 volumes. Funcionou primitivamente na Praça 13 de Maio, Piedade, no prédio onde sediou o Tribunal de Justiça, depois mudou-se para a Praça 2 de Julho (Campo Grande), n. 2 e finalmente para o Forum Rui Barbosa, no 2.º andar, ala esquerda.

É geral, mas muito forte em ciências jurídicas e sociais; é pública. Não está organizada, nem sequer arrumada em estantes, depois que se mudou para o Forum, mas em pilhas pelo chão. Vai ser catalogada, segundo nos informou o bibliotecário, pelo sistema decimal de Bruxelas, na

adaptação feita no Brasil. É biblioteca riquíssima em livros antigos, não só de direito, mas também de literatura, principalmente clássicos portugueses, em suas edições principais (*).

7.

BIBLIOTECA DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

Foi fundada em 1917, no dia 7 de março do dito ano, quando se fundou a Academia. Em virtude de não ter sede a Academia, a biblioteca foi instalada provisoriamente na sacristia da Igreja da Conceição da Praia, por oferta do Pe. Manuel Aquino Barbosa, vigário da dita Igreja. Até 1941 o acervo era insignificante; em 1942 foi grandemente enriquecido com a doação que lhe fez o "Grêmio Literário" do remanescente de sua biblioteca, no total de 1.050 volumes. Em fevereiro de 1946 mudou-se a biblioteca para a sede provisória da Academia, á Av. Sete de Setembro, n. 283, sendo a biblioteca por esta ocasião, de pouco mais de 1.700 volumes correspondentes a 1.369 obras. Em 1950 mudou-se com a Academia para a sede própria, o prédio sito á Praça 15 de Novembro, onde funcionou o Tribunal de Justiça. Está catalogada pelo Catálogo da A.L.A. e classificada pelo sistema decimal de Dewey. Mantém o Catálogo dicionário para o público, e o topográfico assim como o livro de tombo, para o uso interno. Atualmente está muito bem instalada no andar térreo do prédio. Finalidade: geral, mas forte em literatura. É semi-pública. Circulante para os acadêmicos. Possui uma secção de manuscritos e documentos originais de Castro Alves. Entre os manuscritos devemos salientar o "Diário" de Antônio Ferrão Moniz em 33 volumes. É mantida pela Academia.

8.

BIBLIOTECA LEONARDO ROSS KLEIN

(Da Associação Cultural Brasil-Estados Unidos)

Foi fundada em julho de 1943, com o acervo inicial de 200 volumes. Ocupa duas salas no prédio sito á rua de S. Raimundo, n. 24. Acervo atual: 5.562 volumes. Finalidade: geral; forte em literatura em inglês, especialmente americana. Mantém uma secção de referência; uma secção infantil, e possui uma ótima discoteca. É circulante para os associados. Recebe muitas revistas americanas. É privativa dos sócios e alunos da Associação Brasil-Estados Unidos, que a mantém. Está classificada pelo sistema decimal de Dewey, com exceção da secção infantil e da de ficção que têm um sistema misto de classificação. Quanto á catalogação adota o Catálogo da A.L.A. Catálogo dicionário para o público; catálogo topográfico e livro de tombo, para uso interno.

(*) — No ano de 1960, verificou-se a incorporação da Biblioteca do Prof. Frisco Paraíso. No momento atual a biblioteca possui Catalogados 27.000 volumes — A. R.

9.

BIBLIOTECA ALEXANDRE MAIA

(Do Diretório acadêmico da Escola Politécnica da Bahia)

Fundada em 1906. Funciona no prédio da Escola Politécnica, à Av. Sete de Setembro, 79. S. Pedro.

Acervo: mais de 1.200 obras. Finalidade: geral, Privativa dos sócios.

10.

BIBLIOTECA DA ALIANÇA CULTURAL FRANÇO-BRASILEIRA

Foi fundada em março de 1946. Acervo total atualmente: 2.000 volumes. Mantida pela Aliança, privativa dos sócios e alunos da Aliança. É circulante e permite livre acesso às estantes.

Classificação: não tem. Catálogo dicionário, entrada pelo sobrenome, para o público, e livro de tombo. Finalidade: especializada em literatura francesa.

11.

BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ECONOMIA E FINANÇAS DA BAHIA

Foi fundada em 5 de dezembro de 1935. Acervo: 1.500 volumes. Finalidade: especializada em ciências econômicas. Instalada no edifício do Montepio, 5.º and., à Rua Chile, 31. Amplo salão de leitura com capacidade para 80 leitores. É circulante, pública. Média de frequência diária: 10 pessoas; retirada de livros em média: 30, diariamente, com prazo de 15 dias. É mantida pelo Instituto com uma parte da subvenção que o Instituto tem do Governo Federal. Está sendo organizada pelo sistema decimal. Catálogo dicionário. Funciona, nos dias úteis, a qualquer hora.

12.

BIBLIOTECA ANCHIETA

(Do Colégio N. S. da Soledade)

Fundada em 1923. Acervo bibliográfico: 1.034 volumes. Finalidade: geral. Instalada em um salão do Colégio, à rua Augusto Guimarães, s. n.

Mantida pelo Colégio. Catalogada por assunto. Classificação por assunto.

13.

BIBLIOTECA DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DA BAHIA

Foi fundada em janeiro de 1900 com 800 volumes. Atualmente o acervo é de 2.000 obras em 3.200 volumes. Finalidade: especializada em

direito, legislação e literatura comercial, instalada no edifício próprio da Associação, à Praça do Conde dos Arcos, e funciona nos dias úteis, das 9 às 11,30 e das 13 às 17 horas. Frequência média mensal 100 consulentes. Consultas na sede. Mantida pela Associação.

14.

BIBLIOTECA DA ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS DO COMÉRCIO DA BAHIA

Fundada em 14 de maio de 1905. Acervo: 3.210 obras em 4.288 volumes. Finalidade: geral. Instalada em amplo salão do prédio da Associação, à esquina da Rua Chile com a rua de Juliano Moreira. Sala com capacidade para 50 leitores. Funciona nos dias úteis das 8 às 22 horas. Frequência: média diária 90 consulentes. É semi-pública, circulante. Classificação: não tem. Catalogação por autor e título. Mantém livro de tombo, pela ordem das estantes. É mantida pela Associação, e tem um Diretor-bibliotecário.

15.

BIBLIOTECA DO CLUBE COMERCIAL DA BAHIA

Foi fundada em 1876, com 65 volumes. Acervo atual: 2.321 volumes. Finalidade: geral. Instalada no prédio próprio do Clube Comercial à Av. Sete de Setembro, 139, em uma sala do piso térreo, com capacidade para 20 leitores. Funciona nos dias úteis, das 8 às 24 horas, tendo em média 20 consulentes diários e retirada de 60 obras. Mantida pelo Clube e com doações. Catalogação: livro inventário, em ordem alfabética.

16.

BIBLIOTECA DO COLÉGIO N. S. DA VITÓRIA

Foi fundada em 1905, pelo Dr. Alipio Jouvét Henri, com 220 volumes. Acervo bibliográfico: 5.667 volumes. Finalidade: geral. Instalada em dois salões do prédio do Colégio, à Av. Araújo Pinho, 39 com capacidade para 50 leitores. Funciona nos dias úteis das 8 às 18 horas. Manutenção: pelo Colégio e por doações. Catalogação: livro de tombo. É privativa dos alunos e professores do Colégio.

17.

BIBLIOTECA NEVES DA ROCHA

(Do Quartel do Corpo de Bombeiros)

Foi fundada em 22 de abril de 1939, com 500 volumes. Atualmente o acervo é de 1.000 volumes. Finalidade: geral. Instalada no prédio do Quartel dos Bombeiros, à Praça dos Veteranos, 1, em sala com capacidade

para 200 leitores. Funciona nos dias úteis, das 9 às 12, das 14 às 17 e das 19,30 às 20,45 horas, tendo uma frequência média, por dia, de 25 leitores. Mantida pelo Corpo de Bombeiros. Catálogo dicionário.

18.

BIBLIOTECA DA ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES SECUNDARIOS DA BAHIA

Fundada em 2 de novembro de 1942 e instalada no mesmo dia. Acervo: 700 obras em 900 volumes. Finalidade geral.

19.

BIBLIOTECA DA POLICIA MILITAR DO ESTADO DA BAHIA

Fundada em 1937, com 100 volumes. Acervo atual: 315 volumes. Finalidade: geral, mas forte em assunto militar. Instalada no Quartel dos Aflitos, ao Largo dos Aflitos, em uma sala com capacidade para 60 leitores. Funciona diariamente das 9 às 12 e das 14 às 17 horas. Frequência média por dia: 10 consulentes. É privativa. Mantida pela Polícia Militar. Catálogos por autor e por assunto.

20.

BIBLIOTECA DO LICEU DE ARTES E OFICIOS

Foi fundada em 1872. Em 1920, o seu acervo era de cerca de 3.000 volumes. Atualmente o acervo é de, aproximadamente, 3.500 volumes. Não está classificada. Catálogos de autor e título. Arrumação por tamanho. Finalidade: geral, mas com uma secção muito importante de arte. Um rico acervo bibliográfico que está quase em completo abandono. Funciona no andar térreo do Paço Saldanha da Gama, antigo e histórico solar da Bahia, à rua de Guedes de Brito.

V

BIBLIOTECAS PARTICULARES

I.

BIBLIOTECA "FREDERICO EDELWEISS"

Fundada em 1922. Acervo atual: cerca de 8.000 volumes. Finalidade: geral, mas importantíssima em assuntos brasileiros, e, pode-se dizer, é a mais importante brasileira do norte do país. Possui em suas edições principais muitos dos importantes cronistas do Brasil dos primeiros tempos. Tem ainda importante secção de folclore, obras gerais, numismática e filologia. É também americanista. É magnificamente instalada em quatro salas de seu palacete, situado na Barra, à Av. Sete de Setembro, 584.

Muito bem conservada, tendo ricas encadernações. Atualmente mantém catálogo por autor, e assunto, e tem livro de tomo, embora sem numeração. Está em via de ser organizada e classificada pelo sistema decimal. É, cremos, a mais valiosa coleção particular de todo o Norte do Brasil. Possui muitas raridades e livros preciosos, especialmente a coleção de publicações da Bahia Colonial.

2.

BIBLIOTECA HERMANO NEESER

Foi fundada em 1942. Finalidade: especializada em história da Bahia. É a mais importante baiana de nossa capital. Acêrvo atual: 3.500 volumes encadernados a couro, além de cerca de 1.000 folhetos e periódicos. Ocupa 13 grandes estantes abertas, e é mantida em ótimo estado de conservação, na casa de sua residência, á rua dos Bandeirantes (Brotas, n. 11). Possui obras raras e preciosas, e coleções completas de várias publicações de sua especialização. Entretanto, além da especialidade, tem obras de história geral, arte, literatura e obras culturais. As obras adquiridas até 1949 estão organizadas. Catálogos de autor, título e assunto.

3.

BIBLIOTECA CORNÉLIO DE AZEVEDO

Iniciada em 1896. Acêrvo atual: 32.578 volumes, afóra as revistas e folhetos que não estão inventariados. Finalidade: geral, mas muito importante e forte em literatura francesa. Não está classificada. Catálogos: por autor (em livros); por título (em fichas); e livro de tomo. Está amontoadada em estantes e mesas no porão, aliás muito grande, da casa de residência, á rua de Aurelino Leal, 30 (Barris). A coleção nas estantes obedece mais ou menos, á ordem de inventário. Entre as preciosidades; podemos ressaltar a coleção completa de "L'Ilustration Française", desde o primeiro número, em 1843, portanto com mais de um século.

4.

BIBLIOTECA RAUL SA

Foi iniciada em 1936. Acêrvo atual: 2.114 volumes além da secção de revistas, em número de 30 diferentes, com cerca de 300 volumes. Finalidade: geral, mas predominam assuntos de lingua portuguesa e literatura luso-brasileira. Classificação por assunto, dividido em 25 secções, a saber: 1) hebraico; 2) grego e sua história literária; 3) latim e história da literatura latina; 4) português, filologia e história da literatura luso-brasileira; 5) francês e história da literatura francesa; 6) espanhol e história da literatura dos povos de lingua espanhola; 7) italiano e história da literatura italiana; 8) inglês e história da literatura inglesa; 9) alemão e história da literatura alemã; 10) russo e história da literatura russa; 11) antologias; 12) dicionários; 13) geografia; 14) história universal; 15) história do Brasil; 16) pedagogia; 17) sociologia; 18) economia política;

19) direito; 20) filosofia; 21) matemática; 22) física e química; 23) ciências naturais; 24) obras literárias, e 25) várias. Catalogação por autor, dando na mesma ficha um resumo da obra, indicações bibliográficas, e nas obras literárias uma relação das personagens. Está localizada em sete estantes, na residência, á rua de Leovigildo Filgueiras, n. 113, o que quer dizer que há pouco espaço, e consequentemente os livros estão amontoados nas estantes, uns por traz, outros por cima.

5.

BIBLIOTECA METÓDIO COELHO

Instalada no prédio de residência da família Metódio Coelho, á Praça de D. Pedro II, n. 9. Finalidade: especializada em ciências jurídicas e sociais, conquanto tenha obras gerais e literatura. Acêrvo: 3.031 volumes. Passa por ter uma das melhores ruínas desta capital. Não está classificada. Livro de tombo. Em vias de ser incorporada á Biblioteca Pública do Estado.

BIBLIOGRAFIA

1. — AMARAL JOSÉ ALVARES DO — *Resumo chronologico e noticioso da Provincia da Bahia*. 2.ª edição revista é consideravelmente anotada por J. Teixeira de Barros. Bahia, Imprensa Official, 1922.
2. — ARAGAO, ANTONIO MONIZ SODRÉ DE — *Memória sôbre a Bibliotheca Publica da Provincia da Bahia*. Bahia, Typographia Constitucional, 1878. (Constitue a 2.ª parte do vol. 1.º (Introdução Geral) do Catalogo de Antônio Moniz, abaixo referido).
3. — BACH, CHARLES HENRI — *Petit guide du bibliothécaire*. 3ème, édition par Yvonne Oldon. Paris, «Je sers», n. 1 948.
4. — BAHIA BIBLIOTECA PÚBLICA — *Catalogo geral da Bibliotheca Pública da Bahia*. Bahia, Typ. de Antonio Olavo da França Guerra, 1858.
5. — BIBLIOTECA PÚBLICA — *Catalogo geral das obras de sciencias e litteratura que contem a Bibliotheca Publica da Bahia*, por Antonio Ferrão Muniz. Bahia, Typographia Constitucional, 1880—1883. 3vos.
6. — BIBLIOTECA PÚBLICA — *Relatorio da Bibliotheca Publica* por José de Oliveira Campos, in «Relatorios apresentados ao Exmo. Sr. Governador Dr. José Gonçalves da Silva». Bahia, Typ. e Encadernação do Diario da Bahia, 1891.
7. — BIBLIOTECA PÚBLICA — *Relatório da Bibliotheca Pública* por José de Oliveira Campos in «Mensagem e Relatorios apresentados a Assembléa Geral Legislativa pelo Dr. Joaquim Manuel Rodrigues Lima, Governador do Estado». Bahia, Typ. e Enc. do Diario da Bahia, 1894.
8. — BIBLIOTECA PÚBLICA — *Relatório da Bibliotheca Pública* por José de Oliveira Campos in «Relatorio apresentado ao Exmo. Snr. Cons. Luiz Vianna pelo Dr. Sátiro de Oliveira Dias». Bahia, Typ. e Enc. do Correio de Noticias, 1889.
9. — BIBLIOTECA PÚBLICA — *Relatório da Bibliotheca Pública ao Presidente da Provincia, Barão de S. Lourenço*, por Antonio Ferrão Muniz in «Exposição que faz Antonio Ladislau de Figueiredo Rocha, vice-presidente da Provincia, ao passar a administração ao presidente, Barão de S. Lourenço. Bahia, Typographia do Jornal da Bahia, 1869.

10. — GOVERNO DO ESTADO — Mensagem apresentada à Assembléa Geral Legislativa do Estado da Bahia, pelo Dr. João Ferreira de Araujo Pinho. Bahia, Oficinas da Empreza «A Bahia», 1911.
11. — GOVERNO DO ESTADO — Mensagem apresentada à Assembléa geral legislativa em 1916, pelo Dr. Antonio Ferrão Moniz de Aragão. Bahia, Imprensa Official, 1916.
12. — GOVERNO DO ESTADO — Exposição apresentada pelo Dr. Antonio Ferrão Moniz de Aragão, ao passar, a 29 de março de 1920, o Governo da Bahia ao seu sucessor o Exmo. Sr. Dr. José Joaquim Seabra. Bahia, Imprensa Official, 1922.
13. — GOVERNO DO ESTADO — Mensagem apresentada à Assembléa Geral Legislativa em 1925, pelo Dr. Francisco Marques de Goes Calmon. Bahia, Imprensa Official, 1926.
14. — GOVERNO DO ESTADO — Mensagem apresentada à Assembléa Geral Legislativa em 1926, pelo Dr. Francisco Marques de Goes Calmon. Bahia, Imprensa Official, 1926.
15. — GOVERNO DO ESTADO — Atividades da administração pública no biênio 1938—1939. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente Getulio Vargas, pelo Interventor Landulfo Alves. Bahia, Imprensa Official, 1941.
16. — GYMNASIO DA BAHIA. — Relatorios apresentados ao Diretor geral do Departamento de educação, pelo Dr. Clemente Guimarães, ano de 1936. Bahia, Imprensa Official, 1937.
17. — IMPRENSA OFICIAL. — Diário Official do Estado da Bahia, números de 30 de setembro e 2 de outubro de 1919; de 2 de julho de 1923 (edição especial do centenário); de 11 de maio de 1939 e 17 de abril de 1943.
18. — GOVERNO DO ESTADO. — Relatório apresentado ao Dr. Vital Henrique Soares, governador do Estado, pelo Dr. Francisco Prisco de Sousa Paraizo. Bahia, Imprensa official, 1930.
19. — BARROS, FRANCISCO BORGES DE — A margem da história da Bahia. Bahia, Imprensa Official, 1934.
20. — BLACK, AUGUSTO VICTORINO ALVES SACRAMENTO — Diccionario bibliographico brasileiro. Rio, Imprensa Nacional, 1883 e 1902. vols. 1 e 7.
21. — BOCCANERA, SILIO (JUNIOR) — Bahia epigráfica e iconográfica (Resenha histórica) — Bahia, 1928.
22. — Idem — Bahia histórica. Bahia, Typ. Bahiana, 1921.
23. — CONTE, AUGUSTO — Catecismo positivista ou Sumaria exposição da religião universal, traduzida e anotada por Miguel de Lemos. Rio, Igreja Positivista do Brazil, 1905.
24. — CORREIO BRAZILIENSE OU ARMAZEM LITTERARIO. — Londres, W. Lewis Patternoster, Row. 1811. vol. VII.
25. — COSTA, JOAQUIM — Biblioteconomia. Porto, Livraria Tavares Martins, 1943.

26. — DANTON, J. PERIAM — La formación profesional del bibliotecario. Unesco, 1950.
27. — DIAS, HELCIA — Tendências modernas da biblioteca. In «Revista do serviço público». Ano XIII, vol. II n. 1, abril de 1950, págs. 73 a 75. Rio.
28. — ENCICLOPÉDIA UNIVERSAL ILUSTRADA, Barcelona, Espana, s. d. tomo 8.
29. — FARIA, GELASIO DE ABREU e MENEZES, FRANCISCO DA CONCEIÇÃO — Memoria historica do ensino secundario official na Bahia durante o primeiro seculo — 1837—1937. Bahia, Imprensa Official, 1937.
30. — FRIEIRO, EDUARDO — O diabo na livraria do cônego. Belo Horizonte, Livraria Cultura Brasileira Ltda., 1945.
31. — OS LIVROS NOSSOS AMIGOS. Nova edição. Belo Horizonte, Livraria Inconfidente S. A., c1945.
32. — GUIMARAES, FRANCISCO DE PAULA OLIVEIRA — Discurso in «Inauguração da Biblioteca Municipal da Capital da Bahia, em 30 de dezembro de 1899». Bahia, Typ. e Enc. Empreza editora, 1900.
33. — INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA — Sinopse estatística do Município de Salvador, Estado da Bahia. Rio, Serviço do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1948.
34. — INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO — Guia das bibliotecas brasileiras. 2.ª ed. Rio, Imprensa nacional, 1944.
35. — Suplementos do Guia das bibliotecas brasileiras. Rio, Instituto Nacional do Livro, 1946.
36. — O INVESTIGADOR PORTUGUEZ EM INGLATERRA OU JORNAL LITERARIO POLITICO, ETC. — Londres, H. Bayer, (1812). vol. III.
37. — LEITE, SERAFIM — História da Companhia de Jesus no Brasil. Lisboa, Livraria Portugália, 1938, tomo II. Rio, Instituto Nacional do Livro, 1945, tomo V.
38. — Idem. PAGINAS DE HISTÓRIA DO BRASIL. São Paulo, Editora Nacional, 1937. (vol. 93 da Coleção Brasileira).
39. — MC COLVIN, LIONEL R. — El servicio de extension bibliotecaria en la biblioteca publica. Unesco, 1950.
40. — MORAIS, RUBENS BORBA DE — O problema das bibliotecas brasileiras. Rio, Casa do Estudante do Brasil, 1943.
41. — NAZARETH, ELIAS DE FIGUEIREDO — Lyceu Provincial da Bahia. Bahia, Typ. Bahiana de Cincinato Melchiades, 1914.
42. — NEUWIED, MAXIMILIANO DE WIED — Viagem ao Brasil — tradução de Edgard Sussekind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo. São Paulo, Editora nacional, 1950. (Coleção Brasileira gigante, n. 1).

43. — PARANHOS, JOSÉ MARIA DA SILVA (Barão do Rio Branco) — *Memórias brasileiras*; segunda edição, revista pelo professor Basilio de Magalhães. Rio, Imprensa nacional, 1938.
44. — PETZOLDT, GIULIO — *Manuale del bibliotecario*; tradotto sulla terza edizione tedesca por cura di Guido Biagi e Giuseppe Fumagalli. Milano, Ulrico Hoepli, 1894.
45. — REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA. Bahia, Imprensa Oficial, 1930—1950, vols. 1.º (1930); 7.º (1944); 9.º (1949) e 11.º (1950).
46. — RIZZINI, CARLOS — *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil*. Rio, Livraria Kosmos, (1946).
47. — SAMPAIO, ALBINO FORJAZ DE — *Como devo formar a minha biblioteca*. 2.º milhar. Lisboa, Sá da Costa, 1938.
48. — SILVA, IGNACIO ACCIOLI DE CERQUEIRA E — *Memórias historicas e politicas da Provincia da Bahia*. Vol. 1.º Bahia, 1835, 2.ª edição Vol. 3.º, anotada pelo Prof. Braz do Amaral. Bahia, Imprensa Oficial, 1931.
49. — SILVA, PIRAJÁ DA — *Notas in «Através da Bahia»*, por Von Spix e Von Martius. 3.ª ed. Rio, Editora nacional, 1938 (Coleção Brasileira, n.º 118).
50. — SINZIG, PEDRO, frei — *Maravilhas da religião e arte no convento de S. Francisco da Bahia*. Rio, Imprensa nacional, 1933. (Tomo especial da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro).
51. — TORRES, OTAVIO — *História do Grêmio Literário da Bahia*, in «Anais do primeiro Congresso de História da Bahia», vol. IV. Bahia, Tipografia Beneditina, 1951.
52. — TORRES, JOÃO NEPOMUCENO E CARVALHO, ALFREDO DE — *Annaes da Imprensa da Bahia*. Bahia, Typ. Bahiana, de Cincinato Melchhiades, 1911.
53. — VALADARES, JOSÉ — *Museus para o povo*. Bahia, Publicações do Museu do Estado, 1946. n.º 6.
54. — VARNAGHEN, FRANCISCO ADOLFO DE (Visconde de Porto Seguro) — *Historia geral do Brasil*. 3.ª edição integral, S. Paulo: Companhia Melhoramentos. (1936). tomo 5.º.
55. — VIANNA, A. DA ROCHA, padre — *Copilação, em indice alfabetico de todas as leis da Provincia da Bahia*. Bahia, Typ. e Livraria de E. Pedroza, 1858.
56. — VIANNA FRANCISCO VICENTE — *Memoria sobre o Estado da Bahia*. Bahia, Typ. e Enc. do «Diário da Bahia», 1893.
57. — VILHENA, LUIS DOS SANTOS — *Recopilação de noticias seteropolitanas e brasileiras contidas em XX cartas*, anotadas pelo Prof. Braz do Amaral. Bahia, Imprensa Oficial, 1921. 2.º v.

PUBLICAÇÕES DO CENTRO DE ESTUDOS BAHIANOS

- 1 — Capelas Antigas da Bahia — Profa. Anfrisia Santiago — **Esgotado.**
- 2 — O Primeiro Teatro do Brasil (Docs. de 1733) — Afonso Rui — **Esgotado.**
- 3 — Um discurso de Sívio Romero — José Calasañs — **Esgotado.**
- 4 — O Príncipe de Joinville no Brasil — Frederico Edelweiss — **Esgotado.**
- 5 — A Colônia Leopoldina (1858) — Hermann Neeser — **Esgotado.**
- 6 — O Cacau na Economia Brasileira — Frederico Edelweiss — **Esgotado.**
- 7 — O Cronista e a Crônica do Brasil — Alberto Silva — **Esgotado.**
- 8 — Um Depoimento Diplomático (Correspondência do cônsul americano da Bahia — 1821 — 1823) — Cid Teixeira.
- 9 — Amor de Príncipes (1843) — Afonso Rui — **Esgotado.**
- 10 — O Processo dos Elesiásticos da Inconfidência Mineira — Alberto Silva — **Esgotado.**
- 11 — Estadistas Baianos do Império — Afonso Rui — **Esgotado.**
- 12 — Um Documento Inédito sobre as Fortificações da Cidade do Salvador — Alberto Silva — **Esgotado.**
- 13 — Padroeiro da Cidade do Salvador — José Lima — **Esgotado.**
- 14 — A Guerra de Canudos na Poesia Popular — José Calasans — **Esgotado.**
- 15 — Sobre a Campa Brazonada no Convento do Carmo — Hermann Neeser.
- 16 — Um Diário Inédito da Bahia no Século 17 — Alberto Silva — **Esgotado.**
- 17 — Construções navais da Bahia no século 17 — O Galeão Nossa Senhora do Populo — Luiz Monteiro da Costa — **Esgotado.**
- 18 — Contribuição ao Estudo das Sesmarias — Waldemar Matos — **Esgotado.**
- 19 — Contribuição ao Estudo dos Morgados no Brasil — Cid Teixeira — **Esgotado.**
- 20 — O Forte que foi arrematado em Hasta Pública — Luiz Monteiro da Costa.
- 21 — Um Agitador Baiano: Cipriano José Barata — Afonso Rui.
- 22 — Contribuição ao Estudo do Ciclo das Festas Tradicionais — Antônio B. Príncipe — **Esgotado.**

- 23 — O Pregoeiro da República (Virgílio Clímaco Damázio) — Antônio de A. Aragão Bulcão Sobrinho.
- 24 — A Bahia de 1676 vista por um Médico Francês — Arnold Wildberg — **Esgotado.**
- 25 — Crônica da Bahia — Antônio Viana.
- 26 — Esplendor e Agonia do Instituto Bahiano de Agricultura (1859-1902) — Arquimedes Pereira Guimarães — **Esgotado.**
- 27 — Romanceiro Político Nacional — José Calasans — **Esgotado.**
- 28 — A Lenda de Sumé na Historiografia Bahiana — Alberto Silva — **Esgotado.**
- 29 — O Engenheiro Jesuíta Stafford — Luiz Monteiro da Costa — **Esgotado.**
- 30 — Arte Brasileira (Bibliografia Comentada) — José Valadares — **Esgotado.**
- 31 — O Sítio do Arraiäl e da Sepultura de D. Marcos Teixeira — Monsor. Manuel de Aquino Barbosa — **Esgotado.**
- 32 — A Bahia nas Côrtes de Lisboa — Antônio de A. Aragão Bulcão Sobrinho.
- 33 — A Proclamação da República na Bahia — (Aspectos folclóricos) — Hildegardes Viana.
- 34 — Primórdios do Ensino da Química na Bahia — Arquimedes Pereira Guimarães.
- 35 — Festas populares da Bahia — Joaquim de Sousa Brito.
- 36 — Dois Caudilhos — Frederico Edelweiss.
- 37 — Curiosidades da Cidade do Salvador — George Abreu.
- 38 — A Bahia nos Gabinetes Ministeriais da Monarquia — Deolindo Amorim.
- 39 — Lápides da igreja de Santa Tereza — Angela Maria Martins Viana.
- 40 — Um sueco na Cidade do Salvador (1756) — Affonso de Escragnolle Taunay.
- 41 — Contribuição ao estudo das manifestações corporativistas na Bahia do Século XVII — Affonso Ruy.